



**Ex.ª Sr.ª D. Maria Augusta Nogueira**

*Ilustre escritora, autora do apreciavel livro «Vãos Misticos»*

Braga, 5 de Janeiro de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

**Ilustração Catholica**

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 353 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L. da

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Ano. . . . .        | 60\$00 |
| Semestre . . . . .  | 30\$00 |
| Trimestre . . . . . | 15\$00 |

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

|                         |        |
|-------------------------|--------|
| Ano. . . . .            | 80\$00 |
| Semestre . . . . .      | 40\$00 |
| Trimestre . . . . .     | 20\$00 |
| Numero avulso . . . . . | 1\$50  |

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

## A'S MÃES

**Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?**

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

**FARMACIA FIGUEIREDO, L.<sup>da</sup>**

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

## Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

**ALMEIDA, GOMES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>**

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café  
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 5 de Janeiro de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VIII — N.º 353



GUARDA — Capela do Sanatorio

(Foto. Amador Alexandre Botelho)

JÁ no quadrante dos tempos outro ano desponta, novo como uma esperança, gentil como criancinha. Ano novo! e ao marcarem o inicio de outro ano as severas badaladas de bronze que repercutem de quebrada em quebrada, ergue-se a nossa alma numa aspiração á divina bondade, para que seja mais fecundo de bens o ano novo.

E' com certo apreensivo movimento que sempre olhamos o ano que resvala nas sombras do passado. Os seus fugazes prazeres obliteram-se-nos da memoria: os seus sofrimentos, porem; as suas dores, acodem-nos ao espirito, e é quasi sempre com pavor, com pezar, com aborrecimento que no limiar de um ano recordamos a sombra do que foge. As maldições, os doestos, são a ladainha que o mundo vocifera na campa mal fechada do ano que já foi.

Não tem razão a materialidade do mundo. A memoria é ingrata; recorda o pequeno mal sofrido, mas olvida o bem experimentado. E ha tantas graças, tantos beneficios de que podemos dar a Deus rendido agradecimento!

Meditemos, se não. Não é verdade que a cada uma de nossas dôres, correspondeu sempre um pouco de balsamo? Que á traição inesperada e cobarde de um falsario, sucedeu a generosa dedicação de um amigo? Que uma hora de lucta precedeu algum momento de triunfo? Por certo que sim. A vida matizam-na em equilibradas proporções a dor e o prazer, a amargura e o gozo.

Não é cristão amaldiçoar o ano, por maiores calamidades que nele se desencadeassem. De quantas se não serviu a divina munificencia para tirar bens que provido espalhou sobre os mortais? E se com superior espirito olhamos os proprios males, ou o que como males se nos afigura, certo havemos de reconhecer que até destes teremos que dar graças, pois são outros tantos beneficios de Deus.

Mas os nossos olhos, como de criança timorata que pela primeira vez contempla o mundo, fixam, com interrogadora anciedade, o ano que mal desponta. Que surpresas nos reservará o palido bambino que nasce á luz frouxa das estrelas? Será ele bonançoso e de paz? Trará, nas pequeninas mãos, desolação e morte?

O mundo gela de tremendos egoismos, os anos são maus, porque maus os fazem os mortais, dirigindo os passos nas vias tortuosas do crime, da tirania, do mal. Derame-se nos corações e nas almas um pouco de fogo de amor, e logo serão bons os anos, que viverão em Deus. E' uma efusão de caridade que salvará o mundo: só ela tornará felizes os anos que despontam.

E se as tempestades sociais ou as tempestades dos elementos agitarem os homens e a natureza; se o anjo da morte passear sobre a terra bafejando as nações com o halito de gelo, só os impios, os homens que perdem a noção do sobrenatural e vivem ao sabor dos instintos de baixa animalidade, é que se revoltarão contra o ano; porque, como disse o nosso Epico:

*Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo só providencia de Deus pura.*

\* \* \*

Mas deste limiar do ano de 1929 erguemos os nossos olhares para os ceus, e gratissimos hinos brotam de nosso coração recordando os bens que 1928 nos legou. E foram tantos!

E dali olhamos para tantos amigos que nos rodeiam, amigos que acalentam a nossa actividade na imprensa cristã. A eles desejamos como á Patria, como á Igreja um ano de muita prosperidade, ano de paz e de benção, ano de suavidade e ventura, ano rico de bens de espirito, como de dons materiais. São os nossos votos, no limiar de 1929; que a paz estabeleça o seu reinado, no admiravel consorcio da verdade e da justiça.

Segundo muitas probabilidades é este ano o centenar do sacrificio do Calvario. Sem discutir agora a complicada cronologia da vida de Jesus, o nosso empenho é que o seu reinado, firmado nesse sacrificio — regnavit a ligno Deus — estabeleça este ano por toda a terra o seu imperio. E então serão bons anos os anos que despontam.

Entretanto os nossos leitores que querem como nós o reinado da paz, gozem entre mil venturas os seus fructos. Que seja para todos cheio de felicidades o novo ano: que seja para todos agradabilissimo o ano de 1929.

## Um dia de calor no Bom Jesus

No meu profundo culto pela Natureza, maiormente pela vegetação e pela água, eu não sei como exprimir a minha admiração e o meu alto aprêço pelas belezas e seduções dêste adorável canto da terra que se chama — Bom Jesus do Monte. Não! Em verdade, a linguagem humana, e muito menos o estilo dum pobre plumitivo, não é capaz de pintar fielmente as melhores obras de Deus.

E o Bom Jesus é, sem contestação, uma obra encantadora da Inteligência divina e um presente generoso da Sua liberalidade.

Há vegetação exuberante que se desdobra em copiosas espécies de árvores, arbustos e lindas flores; a água brota e desliza por toda a parte, reunindo-se aqui e acolá em poéticos lagos e graciosas taças; o horizonte é fartamente amplo e variado, e sempre imponente; e o ar é perpétuamente fresco, puro e tónico.

Além disso, enquanto intensamente admiramos vida, pujança e beleza por tôda a parte, gozamos aí um doce silêncio solene, que apraz à nossa alma, dá liberdade ao nosso pensamento e nos transporta para fóra das misérias do mundo, levantando-nos para uma esfera alta e pura.

E quanto mais ardente fôr o tempo, tanto mais formosa e aprazível se torna esta estância adorável. A sua espessa folhagem alegra-nos com a sua vivificadora frescura e a côr verde-carregado que predomina, dá repouso aos nossos olhos afrontados pelo calor afogueado que arde em redor.

A multidão das estreitas e sinuosas veredas que serpenteiam através dele, transformam-no em agradável labirinto e fazem-nos esquecer o tempo. Então dominada por estas fortes impressões, muitas vezes a nossa alma sente a necessidade de expandir as suas ideias e os seus sentimentos, comunicando-os a um bom e afectuoso companheiro que

possa compreender-nos, sentir os nossos movimentos espirituais e fazer-nos compartilhar os seus, o que realizará a expressiva fórmula que eu tão bem compreendo — solidão acompanhada.

Mas o Bom Jesus do Monte é sempre formoso e cheio de encanto por si



VIEIRA DO MINHO — CASTELÃES  
Igreja paroquial e torreão

próprio. Um dia de calor apenas ajuda a sentir melhor uma das suas belezas, da mesma forma que um companheiro afectuoso serve só para embalar o nosso coração e para que nós possamos concretizar melhor o que pensamos e o que sentimos.

A. F. BOTELHO

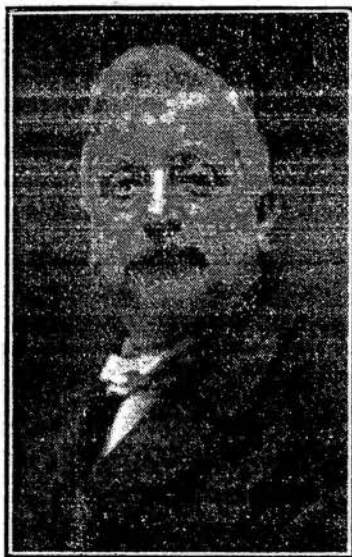


**Logica apertada** — Aconselhava um a seu filho que se levantasse cedo; e para melhor o persuadir, lhe contou que um vizinho seu achara muito de madrugada uma bolsa cheia de dinheiro. «O' pai, lhe respondeu o rapaz, mas o que a perdeu, ainda tinha madrugada mais!».

# NOTAS DE ARTE

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO PINTOR ACÁCIO LINO, NO SALÃO SILVA PORTO

*Exorciso te, creatura pintor.* Assim começo eu esta minha nota, para frazeando o distico do quadro que mais me tocou a vista, na exposição dos cincoenta e um trabalhos, do pintor português



ACACIO LINO  
Pintor portuense

Acácio Lino, n'este momento aberta no Salão Silva Porto, no Porto.

Não era talvez esta a fraze que eu devia escrever, porque eu não sou padre... O que eu deveria talvez escrever era: — eu te saúdo, pintor!..

Mas, o que está dito, está dito. Não sou homem de voltar com a minha palavra atraz, e, por isso, sigo avante com o que vos quero dizer, leitor amigo, sobre as impressões colhidas na visita feita á exposição.

Antes porem uma pequena divagação ilucidativa.

Tenho, na minha pequena galeria, um quadro de Acacio Lino, do seu primeiro periodo de pintor, que nem mesmo ele sabe, (tenho a certeza d'isso), que sou eu o seu possuidor, e tenho, por esse trabalho, uma especial simpatia

e predileção, pelo modo como o adquiri, livrando-o de ir parar ás mãos de um figurão, que inutilisaria a tela, porque era o retrato de uma gaja qualquer, (dizia ele), para a substituir por uma oleografia que lá tinha em casa...

Eu, pelo contrario desprezei, a moldura e aproveitei, com carinho, a tela. E estimo-a, como estimo todos os objectos de arte, que possuo.

Quantas vezes me ponho a contemplar os quadros, que tenho pendurados nas paredes das salas da minha casa, e me fico a fazer considerações a respeito de cada um, do seu valor e dos seus autores, dando sempre por bem empregado o tempo que gasto n'estas contemplações e considerações, porque os julgo meus verdadeiros amigos, com quem converso, assim, em espirito. E, nem o



RETRATO DE D. AMELIA TERRA  
Quadro de Acacio Lino

leitor imagina, como me sinto feliz n'estes momentos.

Talvez madurice?... Talvez!... Mas, cada qual tem a sua telha;... e a minha, é essa.

Portanto quando contemplo esse trabalho de Acácio Lino, sigo passo a passo, os progressos sucessivos, que ele vem fazendo desde essa afastada epoca. E fechemos aqui a divagação.

\*

Vamos agora falar da exposição de Acácio Lino, d'esse pintor cujo nome vai gloriosamente afirmando a pujança do seu talento, tendo-se notabilizado em quadros de largo folego, taes como o João das Regras, que ornamenta honrosamente uma das paredes da sala das sessões da Camara Municipal do Porto; — Uma manhã no Jardim de Belem; — O retrato do irmão do artista; — A cosinha da Pedreira (admiravel estudo de Sol), etc. etc.

N'esta exposição, não desmerece ele de outras já realizadas, pelo contrario, valorisa-se cada vez mais. Direi mesmo que, na paisagem, ele que não era um verdadeiro paisagista, apresenta-se, atacando esse género, com indiscutivel correção e sinceridade.

Eu, confesso, quando me dirigi para o Salão Silva Porto, ia convencido que encontraria as paredes cobertas com grandes quadros, de boas concepções, todos cheios de belas figuras decorativas. Mas, logo ao entrar, vi que me enganava redondamente.

Acácio Lino apenas tinha um d'esses grandes quadros o — Sileno — a



«ESORCISO TE, CREATURA AQUAE»

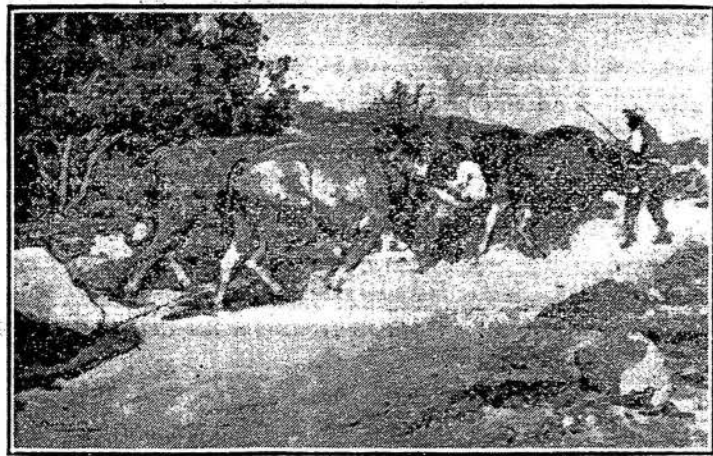
Quadro de Acacio Lino

enfrentar comnosco ao fundo do salão, tudo o mais eram pequenos retalhos de natureza, e figuras interessantes, destacando-se e afirmando-se com todo o vigor um pintor animalista, com os trabalhos d'este genero expostos, que são de incontestavel merecimento.

Confesso que os olhos se me ficaram pregados em todos os quadros em que havia animaes, e me quedei por longo tempo a observa-los e admirá-los, pelo modo como estavam tratados, e, assim, notei os bois do *Bois gordos*, os machos do *Moleiros de Travanca*, os bois do *Bois ao sol*, os bois do *A arrancada*, e o jumento do *Sileno*, que são na verdade notaveis.

Houve, em tempos idos, um artista chamado Anunciação, que foi um notabilissimo pintor de animais, e Acácio Lino, com alguns d'estes seus trabalhos, faz-me lembrar esse artista.

No genero — nu — o *Pri-*



ARRANCO — Quadrô de Acacio Lino

*mêira pose e o Meu modelo em descanso* são interessantes de boa carnação e com anatomia...

Na exposição ha um *interior da igreja de Travanca*, que é muito bem feito porque atravez d'aquelas colunas ha ambiente, ha fundo. *O Tamega em Amaranthe* é um retalhinho bem minhoto, cheio de luz e de côr. Outros trabalhos mais, de paisagem, seriam dignos de menção se eu tivesse espaço para os inumerar. Mas, acima de tudo, e de todos, um quadro ha que me fascinou. E' aquele padre de capa de damasco verde a benzer a agua que cae na pequenina pia da sacristia. Esse é, para mim a nota fulgurantissima da exposição.

Pode ser que, para muitos que saibam d'isto mais do que eu, o seu quadro grande *Sileno*, seja o vertice da exposição... Para mim porem, que sou pequeno, e talvez veja mal, o *Exorcisote, creatura aquae* é o que eu ponho em primeiro logar. E que me perdoem os outros esta minha opinião pessoal, se estou em erro...

Tem o pintor na exposição dois retratos bons, o de Mademoisele Maria Barreiros e o de Dona Maria Terra.

Este, sendo de grande vulto, é bom na verdade como retrato. Mas... desculpe-me o autor esta sinceridade rude, com flores a mais, como acessorio e com um bustosinho de terra cota, sobranceiro a um movel, que eu penso nada valorisar o quadro. A figura, que é muito bem feita, com vida, palpitando e movimentado-se, dispensava bem, em meu fraco intender, aqueles accessorios. Sosinha impunha-se, e valia muito mais.

Finda aqui a nota de hoje, escrita, como todas as outras, com sinceridade e atravez da minha impressão pessoal e talvez incompetente, mas escrita só com o desejo de ser util para o engrandecimento da Arte e dos Artistas...

Porto, 18 de Dezembro de 1928

ANTÓNIO DE LEMOS (ALVARO).

## Pobres e Ricos

Pobre, não odeies o rico! ama-o e serve-o para que ele te dê sustento e apoio. O bem de ambos consiste na troca do que cada um tem. O rico tem o dinheiro, o pobre tem a arte, a industria, o habito do trabalho, que valem sempre dinheiro.

Irmãos, todos devemos reciprocamente amar uns aos outros; todos devemos concorrer para a felicidade comum.

Não se pode gosar, quando se vê chorar.

O amor do proximo é tão necessario á sociedade da vida, como o cristianismo o é para a felicidade eterna.

A sociedade ha de ter sempre ricos e pobres. E' uma condição da sua existencia, não ha poder capaz de a destruir.

Mas os interesses de uns podem conciliar-se com os dos outros. Não são duas forças inimigas obrigadas a uma lucta eterna; são duas potencias aliadas, que podem e devem mutuamente ajudar-se.

Rico, não oprimas o pobre! Sustenta-o, ampara-o, para tua segurança e para teu bem.



## Pensamentos

O sol não recusa a ninguem os seus beneficios; ele é o decano dos democratas.

\*

A misantropia é uma terrivel molestia: ela nos mostra as cousas taes como elas são.

\*

A natureza tem perfeições para mostrar que é a imagem de Deus, e defeitos para mostrar que é sómente a imagem.



## :Padre João Luiz Afonso da Mouteira:

ARCIPRESTE DE CAMINHA E CERVEIRA

O P.<sup>e</sup> João Luiz Afonso da Mouteira, nasceu na freguezia de Venade, em 23 de Julho de 1848 e era filho legitimo de Antonio Afonso da Mouteira e de Maria Rosa de Amorim.

Passou a sua infancia em Venade, concelho de Caminha, e, desde a mais tenra idade manifestou inclinação para a vida sacerdotal, pedindo a pessoas amigas de seus pais para que os influissem a conceder-lhe licença para se dedicar aos estudos.

Frequentou o liceu de Viana do Castelo onde se distinguiu pela sua intelligencia, applicação ao estudo e exemplar comportamento. Completos os estudos preparatorios seguiu para Braga, onde frequentou o curso teologico, manifestando cada vez mais a sua vocação para a vida eclesiastica.

Recebeu as sagradas ordens de Presbitero no dia 20 de Dezembro de 1873, pelo então Prelado desta Arquidiocese, D. Joaquim de Azevedo e Moura.

Cantou a sua primeira missa na Igreja paroquial da sua naturalidade, onde se demorou pouco tempo, porque foi convidado para capelão-mór do Hospital de S. Marcos da cidade de Braga. Aqui conquistou grandes simpatias e se dedicou ao estudo de medicina prática, donde resultou vir a ser, na freguezia onde foi paroco, considerado como o medico dos pobres, tendo prestado grandes serviços em varias epidemias. Fez concurso por provas publicas á freguezia de Vilar de Mouros, concelho de Caminha, sendo para ella despachado e dela tomou posse, como paroco colado, em 8 de Agosto de 1879, onde viveu e paroquiou até 19 de Novembro do anno findo, em que Deus o chamou á sua divina presença.

Pode dizer-se que foi na verdade Vilar de Mouros o campo de acção do bondoso P.<sup>e</sup> Mouteira, pois foi aqui on-

de ele mais revelou o seu zelo apostolico, procurando por todos os meios ao seu alcance a salvação das almas, não só no rebanho que lhe fôra confiado, mas, ainda, nas freguezias do seu concelho e limitrofes, pregando sempre as verdades do Evangelho.

O que foi o saudoso P.<sup>e</sup> Mouteira, como Vigario Geral de Valença e Arcipreste de Caminha e Cerveira, não cabe nos limites desta pobre noticia. Era preciso viver com ele, trabalhar na sua companhia, para apreciar aquella alma de eleição, aquele espirito superior,



P.<sup>e</sup> João Luiz Afonso da Mouteira  
Arcipreste de Caminha e Cerveira

sempre desprendido das miserias da terra para pensar na honra e gloria de Deus, no triunfo da Igreja e salvação dos crentes.

Como professor, que o foi muito distinto, tendo lecionado o curso secundario, gratuitamente, durante muitos anos, que o digam muitos dos seus discipulos que hoje ocupam lugares de destaque, no clero, nas armas, na medicina, etc. E, foram de tal valor os seus serviços prestados á instrução, que lhe mereceram o ser condecorado com a Comenda de S. Tiago.

Que descanse em paz, o bondoso Pastôr.

C.

# A inauguração do novo edificio da Crèche de Braga

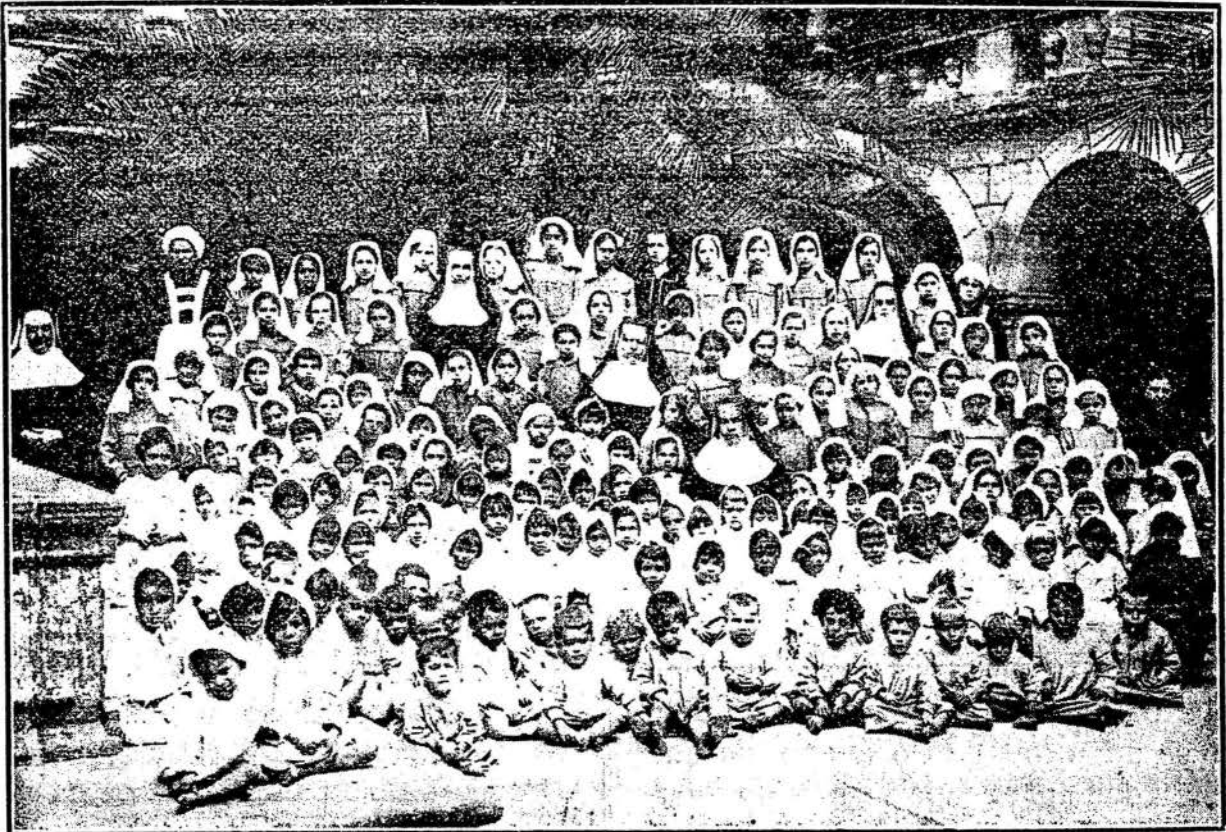
Procissão. — Entrega das chaves. — Te-Deum. — Sessão solene.

SÓB uma chuva miudinha e impertinente, do dia 6 do corrente, um pouco depois das 10 e meia, começou a organizar-se a procissão que em triunfo, pelas ruas da cidade, havia de levar, à nova sede da Crèche, as lindas imagens que pertenciam áquela benemérita instituição.

O cortejo, longo, estendendo-se da igre-

ta Teresa do Menino Jesus; S. José; Imaculada Conceição e Sagrado Coração de Jesus.

A seguir, os alunos do Seminário de Teologia e o Pálio conduzido pela digna Direcção da Crèche, sob o qual o rev. Padre Antonio Maria Fernandes levava o Santo Lenho; mais internadas da Crèche, Oficina de S. José com a respectiva banda; mais



*As crianças da Crèche de Braga, e as religiosas encarregadas da sua educação*

ja do Salvador aos Biscainhos, ia disposto pela ordem seguinte:

Escoteiros, Catequese de S. Vicente (meninas), e Obra de Santa Infancia com os respectivos estandartes; Catequese de S. João do Souto, S. Vicente (meninos), Sé Primaz, S. Pedro de Maximinos e S. Vitor, também com estandartes; Asilo de D. Pedro V, Escola João de Deus, Associação Católica Feminina, Liga Escolar Feminina de Braga, com seus estandartes; Crianças da Crèche com pequeninas bandeiras, onde se lia: Fé, Esperança, Caridade, etc.

Seguiam depois os andores conduzidos por internadas da Crèche, que ao cortejo davam uma nota verdadeiramente simpática. Eram elles: o de S. Vicente de Paulo, — o tão querido Patrono dos pobrezinhos; San-

Escoteiros e, fechando o interminável cortejo, a Juventude Católica e um grande número de pessoas de todas as classes sociais.

Pelas ruas do trajecto uma grande multidão se comprimia e em todas as janelas, principalmente nas Ruas Nova de Souza e do Souto, viam-se inúmeros curiosos.

Cêrca do meio dia, dava a procissão entrada na T. dos Congregados, caprichosamente ornamentada, ouvindo-se então uma girandola de foguetes e o repique festivo dos sinos de diversas igrejas.

E por entre vivas a Jesus Cristo-Rei, à Virgem Santíssima a S. José, a Santa Tereza do Menino Jesus, S. Vicente de Paulo e à Religião, dados pelas criancinhas da Crèche e entusiasticamente correspondidos pelo povo, as lindas imagens transpunham os

ombrais daquela casa, transformada em um ambiente da mais santa caridade.

Imediatamente antes das solenidades da tarde

A's 3 da tarde já o edificio da Crèche era pequenino para conter o grande número de convidados, que o sr. Dr. Novais e Sousa e restantes membros da Direcção aguardavam à entrada principal.

Estava ali representado tudo quanto em Braga exerce distinta actividade e possui influência marcante.

Enquanto se esperava a hora determinada para dar princípio às solenidades anunciadas, todos os visitantes observavam atentamente as dependências daquela benedita casa e encontravam tudo que constitui o mais cómodo ninho confortável para as avesinhas, que são as crianças protegidas e amimadas pela Crèche.

A entrega das chaves — O Te-Deum  
A sessão solene.

Quando chegou Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz, trocados cumprimentos entre as autoridades ali presentes e o venerando Prelado, o sr. Cónego Novais e Sousa, como presidente da Crèche, entregou as chaves do edificio ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Domingos José Soares, digno presidente da Comissão Executiva do Município e este, por sua vez, depois de agradecer a distincção, depô-las na mão do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> agradeceu, memorando o tempo em que os Prelados Bracarenses eram Senhores de Braga e, portanto, detentores das chaves da cidade.

Depois desta rápida mas interessante cerimónia, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, assim como os srs. Governador Civil, Presidente da Câmara, Presidente da Associação Comercial etc., freneticamente saudados pelas asiladas e acompanhados da illustre Direcção, visitaram o edificio, sendo unânimes em tecer os mais entusiasmados louvores a quem realizara aquele simpático empreendimento.

Em seguida à visita deu-se início, na linda capela da Crèche, a um solene *Te-Deum*, cantado primorosamente pelas internadas e presidido pelo rev.<sup>mo</sup> sr. Cónego Luís de Almeida.

Em lugares de honra via-se além do Ex.<sup>mo</sup> Prelado, a Direcção da Crèche, Ex.<sup>mas</sup> Autoridades, Presidente da Associação Comercial, etc.

Findo o *Te-Deum*, na sala dos retratos, realizou-se uma brilhante sessão solene que ia ser a chave de ouro daquela esplêndida festa.

E' convidado a assumir a presidência o

sr. Dr. Domingos José Soares. Sua Ex.<sup>a</sup> declina o convite em S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo. O Venerando Prelado agradece e faz-se secretariar por aquele Senhor e pelo illustre Governador Civil.

Os discursos

Concedida a palavra ao sr. dr. Domingos José Soares, illustre Presidente da Câmara, S. Ex.<sup>a</sup>, num brilhante discurso, enaltece a obra das Crèches, pondo em relevo o esforço do sr. dr. Novais e Sousa para quem tem palavras de profunda admiração.



Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cónego Dr. João Cândido Novaes e Sousa, benemerito fundador e director da Crèche de Braga

E' uma obra grandiosa, diz S. Ex.<sup>a</sup>, mas incompleta. Falta-lhe uma Maternidade que fácil seria conseguir-se, desde, que para isso, um núcleo de boas vontades se congregasse no sentido de lhe dar realização.

As Crèches deviam estar espalhadas por todo o país, porque não só educam como preparam, no caso da de Braga, mulheres aptas para, amanhã, serem modelares donas de casa, ótimas mães, exemplares cumpridoras dos seus deveres.

Por fim, louva aquele empreendimento e promete, na medida das suas fôrças, e enquanto desempenhar o cargo de Presidente do Município, auxiliá-la quanto possível.

Estas palavras foram rematadas por uma vibrante salva de palmas.

Fala em seguida o

Sr. Dr. Cónego Novais e Sousa.

Agradece a todos a sua comparência, afirmando-lhes que aquela obra só a Deus pertencia e, depois de Deus, aos bracarenses porque foram eles quem, com as suas esmolas e com o seu trabrabalho, contribuíram, decididamente, para que a Creche adquirisse uma casa digna do alto fim a que se destina.

Fala de desvelados benfeitores que àquela obra teem dispensado muito carinho e dedicação incluindo, nesse número, os srs. Presidente da Câmara e Governador Civil.

Tem palavras de reconhecimento para S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Arcebispo Primaz, dizendo que se ia preencher uma lacuna muito de lastimar, numa casa por êle carinhosamente protegida.

Neste momento é descerrado o retrato do Venerando Prelado.

Uma prolongada salva de palmas ecoa estrondosa por tôda a sala.

S. Exc.<sup>a</sup> agradece também a cooperação desinteressada das senhoras de Braga, destacando, principalmente, a acção benéfica da Ex.<sup>ma</sup> Viscondessa de Nespereira e da Ex.<sup>ma</sup> D. Maria de Noronha.

Destaca também a valiosa protecção de dedicados bracarenses como os srs. Barão de S. Lázaro, Dr. Domingos Pereira, Dr. Fonseca Lima e D. José de Dion. Para êstes senhores tem palavras de profundo reconhecimento que, por várias vezes, são interrompidas pelos aplausos da assistência.

Por último, refere-se á imprensa dirigindo-lhe palavras de cativante gentileza.

O brilhante discurso do sr. Dr. Novais e Sousa foi coroado de estrondosas palmas, discursando em seguida

O Director do «Diário do Minho»

sr. P. Silva Gonçalves.

Explica porque pedira a palavra: é que a Direcção da Crèche — exceptuado o sr. Cónego Novais e Sousa, quasi o intimou a vir ali para declarar em que alma germinou a bela ideia daquela sublime instituição e qual o esforço que foi a mola real de tudo aquilo.

Houve cooperações valiosíssimas. Mas foi o sr. Cónego Novais e Sousa o ordenador e coordenador de tôdas as vontades generosas.

Já S. Exc.<sup>a</sup> dissera que esta obra era uma obra de Deus, o que em muitos lances bem assinalado tem sido.

E' certo. E' uma obra de Deus a Crèche.

Mas o instrumento da Providência, o instrumento de Deus tem sido o presidente da direcção.

O sr. P.<sup>e</sup> Silva Gonçalves evoca a circunstância de ser o assistente eclesiástico da «Associação Católica», à hora inolvidavel em o sr. Cónego Novais levou ali a generosa ideia, que vemos agora florir e dar frutos abençoados.

Descreve a situação ignóbil da criança no paganismo: os filhinhos recennascidos mortos pelos pais, vendidos pelos pais, lançados à agua, expostos aos cães e ao pastio das feras — tôdas estas ignomínias monstruosas praticadas sob a protecção da lei —

Ràpidamente memora a solenidade do dia — a visita dos Magos do oriente ao presépio de Belém — para dizer que foi desde então que a humanidade sentiu pelas crianças ternuras irreprimíveis, — principiou a ver, nos olhos das crianças, revérberos da estrêla maravilhosa que ao berço de Jesus conduzira os peregrinos orientais, — encantamentos dos astros do céu, clarões doces do próprio olhar de Jesus, — daquele Jesus que inspirou e ordenou a maior defeza e protecção à criança, prègando: *aquelle que receber a um menino em meu nome é a mim próprio que recebe; não escandalizeis os meninos; vêde que não desprezeis um só dêstes pequeninos.*

Não admirava, portanto, que o pensamento altruista da Crèche, que vimos ali tão comovedoramente realizado, germinasse na alma dum sacerdote católico e fôsse acalentado fervorosamente no seio da «Associação Católica» de Braga.

Muitas palmas coroaram o discurso eloquente do nosso Director.

O retrato do sr. Cónego Novais

O presidente da Assembleia Geral da Crèche, mesmo contra a vontade expressa do sr. Cónego Novais e Sousa, ofereceu o retrato dêste, que foi inaugurado com aplauso da assembleia, no meio duma vibração de palmas

O sr. Governador Civil

agradece as referências que lhe foram feitas pelo sr. Dr. Novais e Sousa. Justifica a sua falta à inauguração da Escola Agrícola, — obra prestigiadora do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, a quem chama prelado benemérito da cidade, por muitas acções nobilitantes, que estão bem gravadas na mente e no coração dos bons filhos desta terra.

Lamenta não ter assistido á inaugura-

ção daquela obra de extraordinario alcance, por se achar ausente em Lisboa, e enaltece em palavras eloquentes o empreendimento magnifico que essa obra representa.

Depois de se referir ao novo edificio da Crèche, S. Ex.<sup>a</sup> glorifica a actividade e zelo infatigavel do Sr. Dr. Conego Novais e Sousa, fazendo votos porque veja sempre coroado de louros e frutifique, em benções raiosas, esse gigantesco esforço de tam nobre alcance social e patriótico.

**O senhor Arcebispo Primaz**

diz que veio ali prestar homenagem ao illustre Presidente da Direcção da Crèche, associando-se, assim, ás palavras dos oradores que o precederam.

Sempre foi amigo das criancinhas e, como tal, não podia faltar áquella festa, sentindo-se feliz por se encontrar numa casa a elas destinada.

Confia em Deus para que as obras de caridade como esta sejam sempre amparadas pela Sua Infinita Misericordia.

Salienta o que é a Caridade em Braga, tendo palavras de louvor para os venerandos Mgr. Airosa e P.<sup>e</sup> Candido das Eira, respectivamente directores do Colegio da Regeneração e da Officina de S. José.

Refere-se ao novo Seminario e á Escola Agricola, dizendo que, embora se encontre sem recursos, aquellas obras não deixarão de ir ávante.

Tece rasgados elogios ao sr. Presidente da Camara e ao sr. Governador Civil, esperando que, da sua acção, muito ha a esperar em beneficio das casas de caridade de Braga.

**Um telegrama de Sua Santidade**

O Venerando Prelado lê o seguinte telegrama enviado de Roma:

«Santo Padre concede benção implorada inauguração novo edificio Crèche de Braga abençoando os seus directores e benfeitores.

*Cardeal Gasparri».*

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> concluiu o seu brilhante discurso, saudando novamente o sr. dr. Novais e Sousa a quem dirige palavras de elogio pelo seu notavel empreendimento:

Ergueu diversos vivas que foram muito correspondidos, terminando, assim, as solenidades da inauguração do novo edificio da Crèche.



*A imagem do SS. Coração de Jesus, que se venera na capela da Crèche. Obra do escultor bracarense snr. Alvaro Quintas.*

No final, o sr. dr. Conego Novais e Souza foi muito cumprimentado.



**Direito e avesso.** — Estando El-Rei D. João II sentado um dia junto dum bufete, com o rosto virado para a parede, passou por traz D. Diogo d'Almeida, D. Prior do Crato, sem tirar a gorra, persuadido de que El-Rei o não via. «Afastai-vos lá (lhe disse o Soberano, que lhe vira a sombra na parede), não sabeis que os Reis não teem direito nem avesso?»

# O ORGULHOSO ATEU

**T**ODA a gente o conhecia: alto, moreno, nariz aquilino, olhos vivos e penetrantes, semblante carregado, pouco comunicativo.

Chegara há dias, do Brasil e a nova da sua vinda correria longe, impulsionada sobretudo pelo epíteto que granjeara: «Orgulhoso Ateu».

A seus lábios não afluía o nome bemdito de Deus e não se curvava reverente ante a sua majestade excelsa; baniu por completo na conversação, em que tomasse parte, tudo o que de longe ou de perto com Ele se relacionasse; professava este principio, lema dos modernistas: «tanto mais se apagará da mente hermanava o conceito religioso, quanto mais a sciencia avançar no seu progresso estonteante».

Néscio! Ignorava que precisamente hoje, em que a sciencia avultou sobremaneira o seu âmbito, outróra acanhado, a Igreja volta a fruir quasi identicas regalias ás no passado disfrutadas; de 150 sabios do século transacto 125 eram religiosos».

Tentara filiar-se na «Seita Negra», mas debalde, porquanto julgaram-no inutil, o que ele sobremaneira lamentava, pois que tinha para si que lhe havia de ser um elemento prestimoso.

Ainda que não filiado, seguia-lhe os passos, trabalhando arduamente, levando consigo ao antro do erro espiritos versáteis, politicos militantes, (cuja finalidade ao abraçar qualquer partido era o estomago farto e prazeres sem treguas, panes et circenses), agrupando em seu torno almas marasmadas pelo frio da lascívia, conseguindo dentro em breve lançar a bases de um centro anarquista na sua freguezia.

O vagalhão de extermínio, que, em correria louca, avança para Portugal, colhera-o de improviso, carregando sobre ele, prendendo-o em liames inquebrantaveis, inoculando-lhe as suas ideas. Desde então, não mais lograra despren-

der-se, conquanto altissonamente bradava, fazendo a apologia da sua liberdade.

Mas, fado cruel não passava dum miserável a quem homens devassos haviam inoculado o virus bolchevista!!

O centro, dispondo de um exercito assaz numeroso, trabalhava afanosamente.

Era dever, todos os sabados, ao cair da tarde, numerosos bandos de operarios, tomarem o caminho da «Loja», onde permaneciam horas sem numero, dispendendo em vinho todo o salario, que haviam recebido.

Guerra ao clericalismo, á religião, á patria, ao capitalismo,... o mundo, a nossa patria, a liberdade, o nosso culto, a fraternidade, o nosso mandamento.

O edificio religioso, cuidadosamente edificado naquelas almas quando jovens, ruia, desmoronava, cedia ao embate assolador das paixões infrenes.

Sonharam um paiz idílico, de realizações quimericas. Ia surgir, apregoavam, a aurora dum novo mundo. Vendo na Igreja o maior obstaculo á expansão dos seus ideais, foi contra ela de preferencia que dirigiram o ataque não perdendo o menor ensejo de se lhe tornar funestos, já fazendo que no seu lar campeasse o ateismo, já obstando a que as outras pessoas lhe observassem os preceitos.

Parai monstros, o abismo esperavos!!

Professai muito embora o sistema politico, que melhor vos convier, mas não façais da Igreja o alvo das vossas ações... baldado intento, a historia está-nos patenteando a nulidade dos vossos esforços. Um dos da Enciclopèdia, auguriava ao catolicismo vinte anos de existencia. Já a campa sombria lhe cobre as cinzas revoltas e a Igreja ainda reina sobre os homens.

Voltaire, o ímpio Voltaire, mofava sarcástico daquelas pessoas a quem a

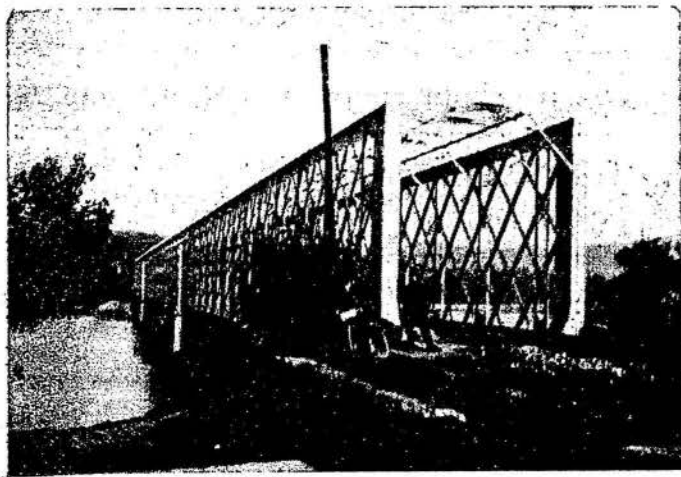
expansão do cristianismo causava admiração e asseverava que dentro em breve a Igreja pereceria ignominiosamente ao seu embate cruel.

Desencadeou raivoso uma procela formidanda, impoz-se pelas suas teorias, causou imensa ruina, entre outras a Revolução Franceza, mas todos esses esforços foram inutilizados pela resistencia da Igreja. Causou imenso mal, ninguém o contesta, mas o edificio, a cuja ruina consagrara toda a sua vida, tinha esta característica singular: tornar-se mais sólido á medida que recrudescia o amigo em fúria.

Poderíamos chamar á arena genios de maior vulto e de não menos autoridade, mas restringimos os testemunhos a estes dois, os quais, com ser-lhes familiares, só conseguem para eles com a nulidade dos seus ataques uma desilusão maior.

## II

A brisa perpassava ríspida e cortante; um nevoeiro espesso caíra de re-



CAMINHA — *Ponte metálica*  
(Cliché de Celestino Pires)

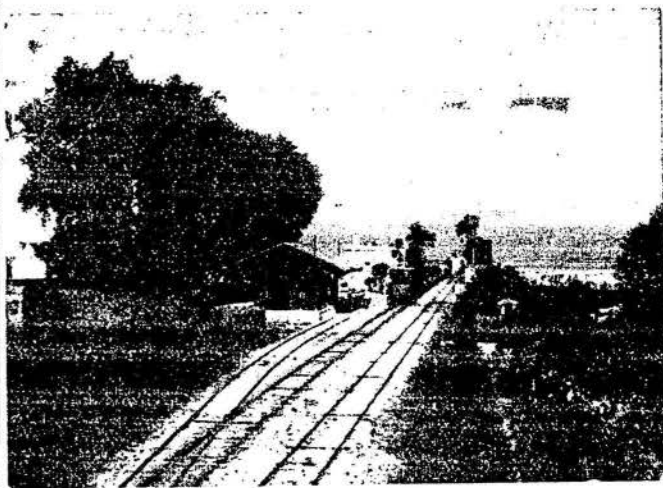
parte sobre o mar, que algum tanto revoltado, erguia intumescido vagalhões enormes; a praia regorgitava de banhistas; distante, fundeara um navio.

Haviam-no visitado inumeras familias então a banhos e, para esse dia, a hora das visitas tinha sido alterada, pois que intentavam levantar ferro ás 5 da tarde.

A's 10 da manhã largavam da bar-

ra os primeiros barcos atulhados de gente.

As ondas colossais, que ante elles se formaram dificultaram-lhes por momento a saída do pôrto. Entretanto as nuvens adensavam-se, tornando-se du-



CAMINHA — *Estação do Caminho de ferro.*  
(Cliché de Celestino Pires)

ma côr sombria; o mar estrondeava soberbo, crescendo para a muralha.

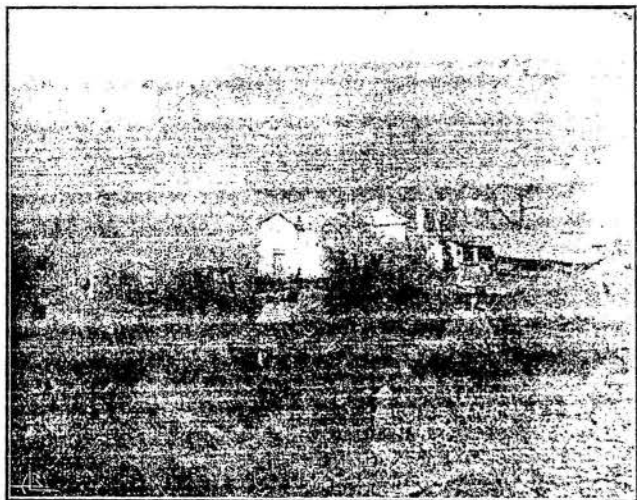
Ante a eminencia do perigo retrocederam. Apenas um, cujos tripulantes são nossos conhecidos, se deixou internar no Oceano, correndo veloz por sobre o dorso rugoso das ondas em tumulto, não medindo a hediondez da aventura, que lhe havia de ser funesta.

No pôrto havia ordem para não deixar sair mais barco algum; o salvavidas aguardava o sinal de qualquer catastrophe, ocorrida no Oceano, para largar, sem detença em socorro dos naufragos; na praia deserta os pescadores recolhiam as tendas; tudo denunciava a eclosão da tempestade... Mas o barco dir-se-hia postado em despenhar-se no cataclismo do naufragio, tal a velocidade com que se internava no mar.

O barqueiro pressentiu o indicio da borrasca, quiz advertir os tripulantes do perigo que lhes estava eminente, mas uma dupla causa o demoveu do intento: a) julgar-se proximo do navio, quando envolto em nevoeiro, permanecia distante, b) o rebrilhar fagueiro dum punhado de ouro, com tanta mais liberalidade entregue, depois do perigo, quanto maior ele fosse.

Embebido numa preleção bolchevista aos seus alunos, o «Orgulhoso Ateu» ainda não atentara no desencadear da procela.

Como sempre o alvo das suas invectivas era a Igreja: desdenhava mor-



VIEIRA DO MINHO  
S. João da Cova — Igreja paroquial

daz a sua origem divina; redicularisava a infabilidade papal; sustentava que o milagre era efeito de leis da natureza, para nós desconhecidas etc. etc. dizendo fruto do «extraordinario poder do cerebro sobre a materia».

O pensamento era truncado, colheira-o duma revista que fortuitamente lhe viera ás mãos, porquanto ele continuava: E' este o poder que há de curar destes doentes aqueles cujos males sejam de natureza a curarem. Se assim pensou Felix, passando os olhos pela enfermaria atulhada; mas, quando os poisou em Angélica a sua fisionomia entristeceu. Ele sabia que o poder do cerebro sobre a materia é limitado e que ainda que a sugestão possa causar maravilhas, na sua esfera limitada de acção, nunca poderia sarar a cavidade de um pulmão, ou destruir o bacilo da tuberculose».

Prosseguia obscecado pelos aplausos freneticos que conseguira arrancar do auditorio limitado e a sua bôca desvaíada verdascava inclemente tudo o que era santo, ousando proferir: «se, como dizem, verdadeiramente existe algum Deus faça que nós o vejamos; entretanto prestaremos culto ante a ara sagrada da Liberdade».

Desencadeara-se a tempestade; as ondas avançavam alterosas, ameaçadoras; a chuva precipitava-se descarroavel; o barco sem leme, á mercê das vagas, balouçava sem rumo por sobre as aguas:

O perigo ingente: Ante ele emudeceram.

O ateu reconhecia superabundantemente o poder de Deus, sabia-o misericordioso, uma vez que dele impetrasse o perdão. Mas, ainda não ha muito, asseverava aos seus correligionarios a puerilidade desses preceitos... Embora... o abismo deparava-se-lhes inevitavel... Os seus discipulos cravaram nele olhos desesperados...

Num impulso corre a ajoelhar-se; roga o perdão, jura emenda.

### III

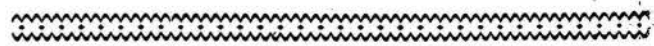
O mar não serenava; a tempestade surgira medonha e perdurava formidanda.

Na praia algumas pessoas, a quem havia sido participado a nova do acontecimento, acompanhavam silenciosas o profetar lânguido e sombrio da lampada electrica, esforçando-se por vislumbrar ao largo, por sobre o negrume das vagas revoltas, o boiar tunentinoso do barco infeliz.

Esvaiu-se a noite e com ela a tempestade.

Ao largo, encalhado nas rochas, o barco surgiu.

VAZ DE CASTRO.



**Archontes.** — Era o nome dado aos magistrados, em numero de 9, que governavam Atenas, depois da morte de Codro, seu ultimo Rei. As suas funções, perpétuas a principio, tornaram-se depois anuais. Para aspirar a esta dignidade, era necessario descender em linha recta de tres cidadãos de Atenas, ser rico, haver combatido pela Patria, e prestar, depois do nomeado, juramento de obdiencia ás leis. Quando um Archonte era convencido de haver aceitado presentes, obrigava-o o Estado a consagrar a Delphos uma estatua d'ouro do peso do seu corpo. Os Archontes gordos deviam ter mais cuidado em não prevaricar.





# ANECDOTAS HISTORICAS

Semei a liberdade a mãos cheias por toda a parte em que implantei o meu Codigo Civil.

*Napoleão 1.º*

\*

As questões de dinheiro começam por ser delicadas e acabam, algumas vezes, por ser indelicadas.

*V. Cherbuliez.*

\*

Quanto menos pensamos na nossa propria individualidade, tanto menos desventurosos nos julgamos.

*Condessa Diana.*

\*

Ha raramente num menino a promessa de um homem; a menina é, porém, quasi sempre, a ameaça de uma mulher.

*Dumas Filho.*

\*

A virtude é uma conquista da vontade contra a natureza.

*Kant.*

\*

Quem quizer ser feliz, deve amar o seu dever e procurar nisso uma satisfação.

*Motteville.*

\*

Em Paris, pôde-se dizer de um sentimento o que se diz de um vestuario: não está na moda.

*Mme Gaubert.*

\*

O homem prodigo é um inimigo da sociedade; o homem economico é um bemfeitor publico.

*Adam Smith.*

\*

Não ha absolutamente direito contra o direito.

*Bossuet.*

\*

O habito é uma segunda natureza, que destróe a primeira.

*Pascal.*

O mundo material repousa no equilíbrio; o mundo moral, na equidade.

*V. Hugo.*

\*

Com um aliado sincero, a França seria senhora do mundo.

*Napoleão 1.*

\*

A gloria é o sol dos mortos. A sua luz só brilha sobre os tumulos.

*Balzac.*

\*

O que distingue o homem do animal, é a ingratição.

*Albéric Second.*

\*

Lamartine é o cantico da poesia, Hugo é a *Marselheza*, Musset é a canção. O primeiro é mais puro, o segundo é maior, o terceiro é mais humano. Prefiro Musset.

*H. de Villemessant.*

\*

O povo, quando domina, tem como os reis os seus lisonjeiros.

*Daguesseau.*

\*

Na caridade se resume todo o christianismo.

*Bossuet.*

\*

O homem justo não é aquele que não pratica injustiças, porém aquele que, podendo ser injusto, não o quer ser.

*Menandro.*

\*

A teimosia é a força dos fracos.

*Lavater.*

\*

E' pelo olhar que as mulheres se batem em duello.

*Mme Bianchi.*

\*

Para quem tem suficiente fortuna, o mundo sempre vai bem.

*Hegel.*

\*

A historia é uma sucessão de experiencias; desde que uma terminou, outra começa, em sentido contrario.

*Ernesto Lavissè.*

# COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primaria e Curso Liceal

*Plano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos*

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

## RIBEIRO DE CASTRO & VILELA

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA — Telefone n.º 59

### Secção de Igreja

*Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.*

### Secção Militar

*Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.*

FALAR NA



## FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

*Rua Candiço Reis, 87*

*BRAGA*

O Melhor Livro de Liturgia

O Livro que todos leem

O Livro mais barato

— é a **IMAGEM** —



Comprem, utilizem, propaguem

O papel de carta com vinhetas litúrgicas

Os postais litúrgicos

|  |        |
|--|--------|
| Rica colecção de postais litúrgicos em côres . . . . .           | 20\$00 |
| Colecção de postais com os Evangelhos dos Domingos . . . . .     | 10\$00 |
| Colecção de postais com os Sacramentos . . . . .                 | 2\$50  |
| Colecção de postais com as cerimónias da Missa solene. . . . .   | 10\$00 |
| Colecção de postais com as cerimónias da Missa privada . . . . . | 7\$00  |
| Colecção de postais com as cerimónias das Ordenações . . . . .   | 7\$50  |

Todos estes postais podem servir para projecções luminosas

À venda na **LIVRARIA LITÚRGICA — BRAGA**

**LIMA, FILHO & C.<sup>A</sup> L.<sup>D</sup>A**

*Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense*

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

————— **BRAGA** —————

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Depósito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em **CAPAS ALENTEJANAS**